

Os nexos da escuta

Roberto D'Ugo Junior

Vivemos imersos em uma *audiosfera*, camada eletroacústica viva e em contínua transformação; textura sonora universal composta pelas diferentes *paisagens sonoras* do planeta, com suas interações peculiares entre sons naturais e sons culturais. Somos agentes principais nesse complexo e amplificado ambiente sonoro.

Comunicação e Cultura do Ouvir (2012), organizado por José Eugenio Menezes e Marcelo Cardoso, reúne trabalhos elaborados pelos participantes do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero e por convidados de diversas instituições.

A ideia de uma Cultura do Ouvir, que preside o conjunto dos trabalhos, deriva em boa medida do *input* representado por estudos do pesquisador Norval Baitello Jr., em diálogo com autores como Joachim-Ernst Berent, Vilém Flusser, Johan Huizinga, Dietmar Kamper e Ashley Montagu.

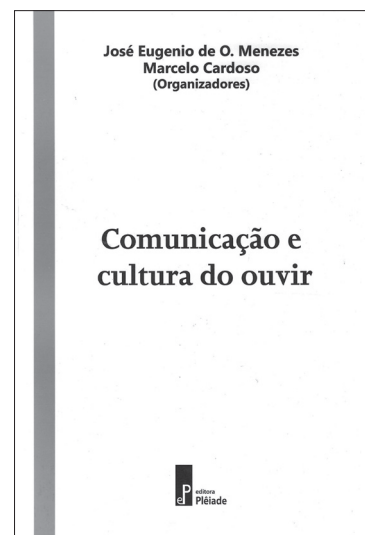
A saturação do olhar, da cultura do ver, traço característico da modernidade industrial radicalizado nas configurações pós-modernas da sociedade, aponta para a emergência de “um novo milênio para o ouvir”, de modo a oferecer um “respiro vital a este movimento de ir e vir”, entre o visível e o invisível, entre corpo, seus sentidos e a imaginação, conforme aponta Menezes em seu texto introdutório.

O Rádio é o veículo privilegiado nos estudos e reflexões presentes no livro, mas não é a única mídia abordada e tampouco resume os vínculos e ambientes comunicativos propostos ao leitor. Sua relevância, em muitos sentidos emblemática, é problematizada pelo desnudamento de uma de suas principais características: a quase supressão do corpo (e

Comunicação e Cultura do Ouvir

José Eugenio de
O. Menezes e
Marcelo Cardoso
Orgs.

São Paulo
Editora Plêiade, 2012, 495 p.



de seus ruídos), que define certa assepsia radiofônica enlaçada pela locução.

A primeira parte, Vínculos, trabalha as interfaces entre sentidos, mídias e códigos.

Em *Comunicação e cultura em deslocamento*, Helena Charro propõe a investigação interdisciplinar e intersubjetiva de duas comunidades sonoras periféricas: a comunidade da música eletroacústica (música contemporânea erudita experimental) e a cerimônia do *long dance* da comunidade *Sound Peace* (celebração sagrada ao som de tambores, de tradição indígena norte-americana, realizada anualmente em Minas Gerais). No texto *Jingle: narrativa sonora*, Roseli Trevisan fala sobre ressonâncias míticas e o caráter lúdico presentes no comercial radiofônico cantado.

A *Oralidade Mediatizada Revisitada sob o Tear de Michel Serres* é a contribuição de Júlia Lúcia a esta coletânea. A análise da paisagem sonora urbana contemporânea, composta de ambientes acústicos fragmentários e coexistentes em frenéticas sobreposições de diferentes texturas, aponta para a saturação

do som, a fadiga da escuta, em consonância com a saturação da imagem.

O diagnóstico crítico sobre a hipertrofia dos media, e as perturbações causadas por seus recursos no âmbito da saúde física e psicológica, orientam as reflexões ecológicas de Luiz Vitral em *Corpo e mídia*. A investigação poética de Serres deixa aqui sua marca. O filósofo se refere ao corpo como órgão que confere voz à alma do indivíduo, como lembra Eric de Carvalho, ao abordar a tatuagem (p. 129). Mas alguns vínculos comunicativos padecem ainda de problemática invisibilidade. Os desafios da acessibilidade e inclusão dos deficientes físicos no universo dos meios de comunicação são abordados por Pedro Vaz no artigo *A representação do deficientes físico na mídia*.

No início da segunda parte do livro, Ambientes, Irineu Guerrini transporta o leitor ao cenário da reforma psiquiátrica no Brasil com o texto *Loucos por diálogo: um estudo de programas de rádio realizados por pessoas com transtornos mentais no Estado de São Paulo*. Seu relato documenta possibilidades do fazer radiofônico como expressão de ruptura e reformulação da assistência em saúde mental.

Em *Uma visão tátil da Guerra*, Fernanda Patrocínio, lança uma ideia perturbadora: “o completo silêncio [...] seria um agravamento imenso da situação de guerra, pois a completa ausência de sons é a própria morte” (p.197). A visão e o tato são os principais sentidos articulados para analisar um recorte jornalístico dos embates entre Rússia e Geórgia, em 2008.

Conflitos, tensões e complexidades inerentes aos projetos de comunicação midiática que desafiam os mecanismos da sociedade do espetáculo são explicitados por Sergio Pinheiro, no texto *Rádio Comunitária*. Ao buscar entender os diversos vínculos estabelecidos pela rádio comunitária do bairro Heliópolis, identifica êxitos e oscilações no processo comunicativo pesquisado.

A esfera do mito nas transmissões radiofônicas de futebol é o objeto de estudo de Rodrigo Fonseca Fernandes, no texto *Jogos Orquestrais*. As narrativas sonoras são abor-

dadas como ambientes simbólicos, redes de trocas e compartilhamentos sensoriais, não cabendo mais, portanto, a limitadora definição dessa experiência pelo processo midiático linear conhecido como transmissão. O encantamento sensorial na comunicação, abordado sob inspiração do “modelo orquestral” do pesquisador Yves Winkin, anima o texto de Tatiana Pacheco Benites, que estuda os cinco sentidos humanos e a correlação com a sinestesia no comércio varejista.

Tendências e Perspectivas do radiojornalismo define a pauta da terceira parte do livro, em que os textos se aproximam das transformações tecnoculturais em curso e esboçam mapeamentos das mudanças verificáveis nos hábitos de escuta radiofônica e nas configurações do mercado. Elisa Marconi apresenta o contexto da segmentação em *A Faixa Jornalística do FM Paulistano*; Luciano Maluly analisa experiências alternativas em radiojornalismo. A reconfiguração cibernética da radioreportagem é perscrutada por Nadini de Almeida.

Em *O jornalismo radiofônico e as narrativas míticas*, Marcelo Cardoso analisa a radiofonização de histórias pessoais de ouvintes anônimos sobre a cidade de São Paulo. Oralidade mediatizada a espelhar experiências ancestrais do homem eternizadas por meio de narrativas. Em semelhante senda, Osório Silva e Paulo Borges exploram aspectos que compõem a estética da *imagem radiofônica*.

No epílogo *No ar – online*, emerge o rádio além da mídia, em reflexão convergente de Julio de Paula.

Temas e motivos fluem e refluem neste livro, transbordando compartimentos, reverberando conceitos caros ao grupo em variações complementares e tonalidades surpreendentes. Ao leitor é feito o convite para novas combinações possíveis das peças.

(resenha recebida out.2013/ aprovada nov.2013)

Roberto D’Ugo Junior é radialista. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Coordenador de Ensino do Curso de Rádio e TV da Faculdade Cásper Líbero.